

Releitura fenomenológica de Hegel e Husserl sobre a consciência

Phenomenological rereading of Hegel and Husserl on consciousness

Ricardo Chiaradía¹

Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar quais as diferenças epistêmicas entre a Fenomenologia do Espírito de Hegel e a Fenomenologia Pura de Husserl, possibilitando um comparativo de qual a relação entre a consciência de Deus nas possibilidades fenomenológicas. Inicialmente, o artigo se constitui pelos conceitos relacionados hegelianamente, que compõem a dimensão teológica de Hegel, realizando aprofundamento no modo como a consciência religiosa se presentifica e é vivida. Consequentemente, é abordado quais as questões essenciais que constituem a plataforma da fenomenologia pura, como um ponto de partida apresentasse a intencionalidade e a *epoché*. Como conclusão, nota-se que o que constitui desvio significativo em cada fenomenologia é em Hegel o conceito de Deus e em Husserl o conceito de intencionalidade.

PALAVRAS-CHAVE

Fenomenologia; epistemologia; consciência

ABSTRACT

This article aims to investigate the differences between Hegel's Phenomenology of Spirit and Husserl's Pure Phenomenology, enabling a comparison of the relationship between God's consciousness and phenomenological possibilities. Initially, the article is constituted by the concepts related to Hegelians that make up Hegel's theological dimension, deepening the way in which religious consciousness is present and lived. Consequently, what are the essential questions that constitute the platform of pure phenomenology is approached, as a starting point to present the intentionality and the *epoché*. In

¹ E-mail: ricardopsicologoclinica@gmail.com

conclusion, it is noted that what constitutes a significant deviation in each phenomenology is in Hegel the concept of God and in Husserl the concept of intentionality.

KEYWORDS

Phenomenology; epistemology; consciousness

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar las diferencias epistémicas entre la Fenomenología del Espíritu de Hegel y la Fenomenología Pura de Husserl, permitiendo una comparación de la relación entre la conciencia de Dios en posibilidades fenomenológicas. Inicialmente, el artículo consta de conceptos de corte hegeliano, que configuran la dimensión teológica de Hegel, profundizando la forma en que la conciencia religiosa está presente y vivida. En consecuencia, se abordan las cuestiones esenciales que constituyen la plataforma de la fenomenología pura, como punto de partida para presentar la intencionalidad y la época. En conclusión, se observa que lo que constituye una desviación significativa en cada fenomenología es en Hegel el concepto de Dios y en Husserl el concepto de intencionalidad.

PALABRAS CLAVE

Fenomenología; Epistemología; Conciencia.

INTRODUÇÃO

No século XIX, Hegel investigou a relação do ser humano com Deus e o mundo concebido como a unicidade da presença do espírito de Deus em todos os entes e as coisas, deste modo, o paradigma hegeliano é estabelecido dentro de sua lógica: *sujeito-objeto*, ou seja, a dimensão *intersubjetiva* do ser humano com as pessoas e o mundo. Comte disse que a religião é um “estado superado na modernidade”, sendo a religião algo ultrapassado pela *técnica* e principalmente a aplicabilidade das técnicas colocando o impasse entre *metafísica* e *técnica* (como na bandeira do Brasil ordem e progresso).

Visualmente o mundo implantado pela técnica faz com que o utilitarismo apareça no espírito do tempo *moderno*, como se a religião não conseguisse mais obter espaço pela racionalidade moderna. Hegel investiga que o acesso a Deus não se dá somente pela via racional, mas, também experiencial como investigado no próximo tópico

1 HEGEL E O SABER IMEDIATO

Em Hegel há a dialética entre *Natural x Espiritual* e na atitude iluminista toda religião é uma forma de espírito absoluto, com a racionalidade pode-se perceber a religião Cristã correspondendo ao conceito de religião em sua *trindade*: *Pai, Filho e Espírito*. Na trindade há três dimensões temporais das coisas: *Universalidade* (Pai), *Particularidade* (Diferenciação, Retorno, Comunidade e Espírito, esta estrutura lógica que está na consciência que experiência o divino.

O objeto exterior Deus se torna interior e se torna o sentido da forma de ver as coisas, portanto a cosmovisão do mundo fica impregnada com o sentido de Deus no pensar sobre as coisas sem perceber *como as coisas aparecem*. Hegel propõe uma Fenomenologia do Espírito para explicitar o problema de que somente falar de Cristo sobre um exemplo Moral, não é religião, não basta saber de Deus só pelo imediato moral, há a necessidade de saber *como* ele existe, ou seja na dimensão espiritual do *espírito intersubjetivo* no senso de *comunidade*.

A prova de que não basta saber de Deus moralmente é o fato de que torna-se apenas cumulativo a disputa do sentido de Deus, por exemplo o *fanatismo*: uma disputa do monopólio da fé, no sentido das escrituras, das práticas religiosas e da representação. Nota-se que o plano moral não é suficiente para conhecer Deus na sua maneira fenomenológica de *como* ele existe.

De hecho, puede concederse que la diferencia entre lo bueno y lo malo está superada, en sí, es decir, en Dios, la única realidad verdadera. En Dios no hay nada de malo; la diferencia entre lo bueno y lo malo existe sólo si Dios fuera también lo malo. Pero no se admitirá que lo malo sea algo afirmativo y que esto afirmativo exista en Dios. Dios es bueno y solamente bueno; la diferencia entre bueno y malo no se encuentra en este Uno, en esta sustancia; aquella aparece sólo con la diferencia en general (HEGEL, 2018, p.59).

45

Veja que Hegel em primeiro lugar diz que não pertence ao sistema panteísta e que a rigor Spinoza também não é, pois, não existe o mundo e coisas finitas como *cosmos*, ao contrário só existe a única substância Deus. Da mesma forma que Spinoza não é um panteísta, pois *bem* e *mal* estaria misturado em Deus, o que existe na realidade para Hegel é uma falta de referência cósmica como ponto de apoio sagrado.

Há uma dualidade entre a *consciência religiosa* e *Deus* enquanto espírito: pensamento, movimento e subjetividade, Hegel se opõe às teses contrárias que “não teríamos como conhecer Deus”, colocando quais os passos para contato sensorial, entre eles o *saber imediato*:

Universal é inicialmente, como dissemos, a consciência de Deus. Não se trata apenas de consciência, mas também e, mais precisamente, de *certeza*. Seus aspectos mais concretos são, em primeiro lugar, a crença, a *certeza* na medida em que é sentimento e está no sentimento - isso corresponde ao aspecto subjetivo. O segundo é o aspecto objetivo, a modalidade do conteúdo. Agora do jeito que inicialmente Deus existe para nós é a forma de representar e a última a forma de pensar como tal (HEGEL, 2018, p.64).

A consciência religiosa parte de seus sentimentos de Deus com *certeza* na sua subjetividade, mas sendo insuficiente, é necessário o segundo aspecto que é o *conteúdo* e a *forma* de apreender o saber imediato é o *representar* e a última o pensar sobre Deus.

À rigor para Hegel não há o dualismo entre *a priori* e *a posteriori* sendo imanente a fenomenologia do espírito uma lógica que busca conhecer Deus.

Hegel diz que a intuição de Deus seja no sono com representações de objetos fantásticos e fictícios ou outros estados de consciência que reafirmam isso: *a intuição de Deus*. Sob o ponto de vista da fé, a consciência religiosa é um saber/conhecimento é um saber de Deus, por exemplo: “Deus como objeto, como outro está em mim”.

No plano relacional primeiro há a impossibilidade de um solipsismo, porque há o Outro ainda na estrutura fenomenológica do espírito, como base a intuição inicial de Deus é que move as coisas.

1.1 O SENTIMENTO DE DEUS

Para Hegel a consciência do sentimento de Deus é muito importante para ver, tocar e expressar elementos da consciência religiosa, mas não é suficiente, ainda é possível evoluir para o espírito da comunidade como objetividade de sentir o espírito de Deus. “A forma de sentir é o aspecto subjetivo, a certeza sobre Deus. A forma de representação diz respeito ao objetivo, ao conteúdo da *certeza*” (HEGEL, 2018, p.71).

Exige-se portanto a compreensão de que para o *objeto* exterior Deus não fique como introjetos de um corpo estranho dentro do próprio corpo, ele deve ser assimilado como uma identificação pertencendo a identificação corpórea mais íntima; por exemplo: “Deus está no coração dos(as) humanos(as)”. Se percebermos as alusões de *sentimentos* de bondade estão relacionadas ao “sentimento do coração”, incluindo a própria palavra *coragem* que também está relacionada a aquilo que é movido pelo coração (*core*).

Por exemplo: um suicídio é compreendido fenomenologicamente como uma situação triste e trágica, mas também muito corajosa por ser movido pelo *coração*, algo que vem de dentro do indivíduo como a única alternativa para terminar o sofrimento (*core* - coração, coragem). O sentimento de Deus também pode ser compreendido desta forma, está umbilicalmente ligado com a sensação de pertencimento no interior da *subjetividade* religiosa de si mesmo no mundo.

Considerar que Deus “já está dado” como ponto de partida faz com que os fenômenos externos da consciência apareçam de maneira *linear* como um dado que por si só se justifica, ou seja, a ligação da consciência religiosa se justifica como uma conexão sincronizada com o movimento da temporalidade medieval *linear*. Noutras palavras: “aquilo acontece por causa de Deus” e “aquilo não acontece por causa de Deus”, encapsulando a consciência numa cosmovisão direta e imediata.

Para Hegel, precisamos investigar *como* é composta a consciência religiosa em termos de fenômenos externos indo “além do próprio espelho”, mas também, adentrarmos no “espelho” subjetivo que possibilitam o dinamismo do *sentido* das coisas mesmas. No interior do prisma subjetivo depara-se com o sentimento do *sujeito* que por sua vez está sujeito a esta *realidade maior* religiosa em sua integralidade, não meramente quantitativa do “acúmulo de coisas que Deus cria” mas *qualitativa* da *experiência subjetiva*.

É problemático se compreendermos Deus como objeto externo em *onisciência, onipresença e onipotência* que se interioriza, os parâmetros da subjetividade da pessoa são delimitados como um *centro de ser religioso* que pode beirar ao fanatismo/idolatria. Não por acaso, a grande disputa do fanatismo/idolatria religiosa é a disputa pelo monopólio da fé, aquilo que se encontra como uma visão radical/unilateral do *sentimento* que “Deus é meu”.

A questão maior aqui é compreendermos *como* se dá o *sentimento* do espírito de Deus em Hegel, ou seja, a dialética deste objeto Deus entre *exterior* e *interior* exigindo uma integração de identificação com os *sentimentos* provocados por aquilo que se pretende Deus. Munido do sentido de “criador de todas as coisas” *as coisas mesmas* tornam-se objetos comprometidos pela provocação da ligação imediata com Deus. Há, portanto, uma *pró-evocação*, uma *evocação à favor de Deus*, dado que a totalidade gira em torno *dele mesmo* tudo se inclina a evocação de Deus; incluindo a própria *subjetividade* daquele que possui a crença nesta superinteligência.

1.2 A REPRESENTAÇÃO

A filosofia para Hegel é a mudança de representação em termos de conceito, como se ela colocasse o objeto diante de si, sendo necessária a elevação do objeto em termos de representação, ou seja: aquilo que está no exterior passa a ser interior. Assim como a história de Jesus, nascer, padecer e morrer, sendo uma história dupla no sentido histórico habitual, mas, também com conteúdo divino no interior da vivência divina.

A formação religiosa inicia pela representação, porém é necessária instrução, formação para sair de uma consciência ordinária para consciência religiosa elevada e vivida racionalmente, emocionalmente, corporalmente e socialmente. Na cultura predominante o saber se constrói a partir de estruturas objetivas, porém, Hegel aponta a insuficiência deste modo objetivo, sendo necessário instrução e conhecimento para experiência vivida da consciência religiosa.

Adentrando o aspecto subjetivo da consciência de Deus, Hegel nota que há diferentes formas de *representações* para entrar em contato com Deus na sua forma mais própria. A *representação* pode-se compreender como o núcleo da fronteira de contato com o *sagrado* relacionando-se com o objeto interiorizado Deus, tendo a possibilidade de fazer a consciência religiosa entrar em contato com ela mesma investigação principal de compreender *como ela se mostra tal como se mostra*, seja na aparição do diálogo interno com Deus, no culto ou na representação.

Assim, as representações de Deus aparecem de diversas formas: para alguns(mas) ele pode ser homem, para outros(as) Deus pode ser mulher, é a *possibilidade existencial* de ser algo - qualquer coisa. Dado que a experiência humana é irreduzível, a descrição fenomênica é de grande valia para apreender *como* é a representação de Deus nos parâmetros subjetivos de cada pessoa.

1.3 O PENSAR

O último momento do processo de conhecer Deus é *pensar*, anteriormente existem várias representações, incluindo o saber imediato e sentimentos, sendo o pensar uma universalidade. A reflexão da universalidade de Deus é dissolver a forma da representação, ir além da representação, sendo que existem muitas representações, há a necessidade de relacionamento entre elas mesmas.

Quando perguntamos “o que é Deus” ele é a apreensão dos objetos no nível da representação, pois, elas permanecem isoladas, justapostas, e talvez até contraditórias, mas para Hegel (2018) esta é a necessidade, é preciso que dissolver as representações para serem constituídas numa objetividade. O pensar coloca uma relação mútua manifestando contradições, emerge a necessidade de saber sobre o objeto em si, sendo o pensar Deus não apenas como um ente, e sim como algo concebido: “criado novamente”.

Essencialmente o pensar é a relação das coisas, de modo com que o ato de pensar seja estabelecer relações com identidade e diferença, não basta para Hegel a apreensão na sua imediatidade, pois, isso é a representação fazendo referência ao objeto, diferentemente do ato de pensar, sendo um ato de apreensão na imediatidade, mas, como algo mediado pelo pensamento. Neste sentido, o pensamento se interpõe como uma mediação de contato com aquilo que aparece na experiência de consciência de Deus.

48

1.4 RELAÇÃO ENTRE PENSAR, SABER MEDIATO E IMEDIATO

Em Hegel, a fenomenologia do espírito gira em torno do conceito de Deus, como a consciência *vive a experiência de Deus*” sendo o saber mediato e imediato inseparáveis. A forma como procura-se conhecer Deus exige percebermos imediatamente *como* nossa consciência e experiência como um todo *se liga* a Deus, com a experiência vivida e integrado com a temporalidade presente “puxando” a vivência do conceito de Deus para aqui-agora.

Para Hegel (2018) o saber mediato e imediato no pensar, seja por evidência imediata de Deus, porém, conhecer significa determinar e estabelecer mediações para um movimento circular passando da unicidade para a duplicidade de maneira circular. O movimento circular do pensamento de Deus pode ser visto como uma mediação na ideia de senso divino, aquilo que a senso-percepção da consciência religiosa entra em contato.

Provar a existência de Deus hegelianamente implica na crítica de que o processo de saber mediato e imediato, passando pela consciência da reflexão da finitude e infinitude. A lógica do ser está relacionada com a dialética entre finitude ou infinitude, é esta consciência religiosa reflexiva que reflete de si-mesma, com a infinitude da objetividade de Deus sendo mediatizada.

Há portanto uma flexibilidade no saber mediato possibilitando a consciência religiosa ter consciência de si-mesma sob ponto de vista dialético entre *finitude* e *infinitude*, estas polaridades põem em dúvida o próprio saber de Deus com movimento circular. Desta forma, se dissolve a unicidade objetiva para a subjetividade reflexiva,

que por sua vez, funciona através de desdobramentos de contato com si-mesma, tendo consciência religiosa da própria consciência.

1.5 A COMUNIDADE E O CULTO

Deus para Hegel é o movimento conforme o silogismo entre *universalidade*, *particularidade* e *subjetividade*, contemplando uma tríade como consciência deste processo de conscientização do conhecimento de Deus. Como um momento de *mediação* para a construção do senso de *comunidade* tendo o conhecimento deste processo triádico, existe a *fé* como *reconciliação*, ou seja, uma *mediação* como através da *fé*.

O culto aparece como uma elevação da consciência religiosa se unindo com Deus, incluindo, todas as vontades (paixões etc.) que se unem no universal, desfazendo a subjetividade para união do pensar objetivo: é a negação da subjetividade particular para o universal. O interior do conhecimento de Deus se dá no culto, como um aprofundamento de explicitação da consciência religiosa, elevando-se das particularidades para o objetivo.

Isso nos distingue de duas formas antigas de comunidade: a econômica e a religiosa. A comunidade econômica, seja denominada *gens*, corporação ou associação, procura sempre as vantagens da própria comunidade; e mesmo que indivíduos sejam movidos por ideias de desenvolvimento, o grupo não busca outra coisa senão vantagens. E a seita busca o Deus das seitas; embora Deus possa representar para os indivíduos o sentido do mundo e o eterno ideal para a seita, Ele nada mais é do que as vantagens do sobrenatural. Toda comunidade antiga quer somente ser uma onda no fluxo humano que visa vantagens, proveito (BUBER, 2012, p.35).

49

É na dimensão do Espírito intersubjetivo que forma a comunidade, e, o estudo de *como* os fenômenos do espírito aparecem instaura a investigação de uma fenomenologia do espírito, sendo atenta a *o que* aparece nesta percepção de si-mesmo e do mundo enquanto experiência. Há um parâmetro de *reconciliação* com Deus enquanto *fé* que se reconstitui na instituição da igreja, partilhando de uma unicidade, a liberdade através da religião só é possível quando superada a carência de sentido preenchida pela *fé*.

2 HUSSERL E A FENOMENOLOGIA PURA

Husserl (2005) criou o projeto de uma fenomenologia pura, com a intenção de voltar aos fenômenos eles mesmos com instrumentos: *intencionalidade* do movimento do pensar, e a *epoché*, uma espécie de paralisação temporal para adentrarmos na experiência que resulta à partir da essência dos fenômenos que emergem na consciência. Sendo a consciência sempre consciência *de algo*: *qualquer coisa* a qual ela

esteja ligada, a ligação de compreender descritivamente *como* ela se liga ao *que* se liga exige um processo reflexivo-perceptivo.

Fenomenologia é propriamente o tema husserliano de entender a *intuição* e *intelecção* do modo como a consciência se direciona e *apreende* essências da vivência, para ele, as essências não são meras abstrações, tendo críticas sobre o empirismo em suas meditações debatendo com John Locke (1632-1704). Para ele, as essências são sim intuídas, não de maneira platônica, como inclusive fez ao criticar o realismo, naturalismo e idealismo.

O conhecimento das *essências* é diferente do conhecimento natural, para que se possa responder ao psicologismo, naturalismo e positivismo, é preciso fazer o movimento da *redução fenomenológica*. Ou seja, há uma atitude distinta na fenomenologia pura onde a conexão do movimento com o que aparece é descrito como aquilo que provoca, evoca a favor daquilo mesmo que se mostra, como se o objeto “falasse” o que ele realmente quer ser compreendido e relacional.

Nos próximos tópicos, a proposta é explicitar conceitos fundamentais da fenomenologia pura, ela exige contato com desdobramentos reflexivos essenciais para atingir o caráter de um *método*. A fenomenologia pura da qual busca o caminho *das coisas elas mesmas* forma uma ciência nova, como lembrança essencial de que a fenomenologia é a *ciência dos fenômenos: ciência eidética*, há portanto a distinção entre ciências naturais e humanas para as ciências de essências, tratando dos fenômenos fazendo o movimento de busca pela intuição eidética, seja por necessidade, generalidade, como entendimento do preenchimento que compõem a unidade sintética de um juízo.

Husserl aborda *essências*, ou seja, de determinadas formas de intuições para chegar-se ao fenômeno tal *como* ele aparece na *consciência*, e como ela se direciona para determinados objetos, as essências fazem parte do mundo subjetivo particular, sendo a ciência fundamental a fenomenologia pura, como uma *ciência eidética*, não sendo psicologia, e, sim do conhecimento *eidético* afastando-se do naturalismo ou psicologismo (Husserl, 2005). Estabelecendo com mais clareza a resposta ao psicologismo, naturalismo e positivismo, seria preciso fazer o movimento da redução fenomenológica, como uma *atitude filosófica*, chamada de *epoché* conforme próximo tópico.

3 DIFERENÇAS FENOMENOLÓGICAS ENTRE HEGEL E HUSSERL

A *epoché* é suspender o mundo ou colocar ele entre aspas, isto porque percebe que os fenômenos podem ser apreendidos na sua essência, levando em consideração o *eu* empírico como um *eu* que pode cair na redução e ser tratado como um objeto qualquer. A *atitude filosófica* se contrapõe a atitude natural em relação ao mundo, como primeiro aspecto a construção da fenomenologia pura, sendo a atitude filosófica uma fenomenologia transcendental com a *redução suspendendo o juízo de realidade do mundo enquanto tal*.

O método fenomenológico propõe uma doutrina geral das reduções fenomenológicas, podendo apresentar uma estrutura geral da consciência pura com

grupos gerais de problemas: direções, investigações e métodos, para Husserl, o positivismo de Comte não consegue se ater a seus próprios princípios, pois ele precisa da teorização inerente, sendo a forma que a ciência ganha de quase por si mesmo o cientista se “desprende” da teoria.

Por exemplo: um cientista que se vê dentro do avanço técnico baseado em atitudes naturais, não está preocupado com a fundamentação teórica, ele dá a problematização ontológica como “superada”, Husserl (2005) critica o mundo que é visto como se fosse um mundo objetivamente. Segundo a abordagem husserliano o humano está imbuído de um modo intencional de reportar o mundo, não de maneira dispensável ou amarrado a conceitos de deus, astros ou qualquer outro tipo de holismo cósmico, e sim, na sua atitude de *significar* as coisas subjetivamente.

Considerar que Deus “já está dado” como ponto de partida faz com que os fenômenos externos da consciência apareçam de maneira *linear* como um dado que por si só se justifica, ou seja, a ligação da consciência religiosa se justifica como uma conexão sincronizada com o movimento da temporalidade medieval *linear*. Sentenças como “aquilo acontece por causa de Deus” e “aquilo não acontece por causa de Deus”, encapsula a consciência numa cosmovisão direta e imediatamente linear de destinação absoluta.

Para Hegel, precisamos investigar *como* é composta a consciência religiosa em termos de fenômenos externos indo “além do próprio espelho”, mas também, adentrarmos no “espelho” subjetivo que possibilitam o dinamismo do *sentido* das coisas mesmas. No interior do prisma subjetivo depara-se com o sentimento do *sujeito* que por sua vez está sujeito a esta *realidade maior* religiosa em sua integralidade, não meramente quantitativa do “acúmulo de coisas que Deus cria” mas *qualitativa* da *experiência subjetiva*.

É problemático se compreendermos Deus como objeto externo em *onisciência*, *onipresença* e *onipotência* que se interioriza, os parâmetros da subjetividade da pessoa são delimitados como um *centro de ser religioso* que pode beirar ao fanatismo/idolatria. Não por acaso, a grande disputa do fanatismo/idolatria religiosa é a disputa pelo monopólio da fé, aquilo que se encontra como uma visão radical/unilateral do *sentimento* que “Deus é meu”.

A dialética entre *exterior* e *interior* exigindo uma sintetização de identificação com os *sentimentos* provocados por aquilo que se pretende de adoração divina: deus, munido do sentido de “criador de todas as coisas” *as coisas mesmas* tornam-se objetos comprometidos pela provocação da ligação imediata com Deus. Há em Hegel portanto uma *pró-evocação*, uma *evocação a favor de Deus*, dado que a totalidade gira em torno *dele mesmo* tudo se inclina, incluindo a própria *subjetividade* daquele que possui a crença nesta superinteligência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exige-se compreensão na discussão sobre consciência nos autores, para Hegel o *objeto* exterior Deus não pode ficar como um corpo estranho dentro do próprio corpo,

ele deve ser assimilado como uma identificação pertencendo a identificação corpórea mais íntima, por exemplo: “Deus está no coração dos(as) humanos(as)”. Se percebermos as alusões de *sentimentos* de bondade estão relacionadas ao “sentimento do coração”, incluindo a própria palavra *coragem* que também está relacionada a aquilo que é movido pelo coração (*core*).

Por exemplo: um suicídio é compreendido fenomenologicamente como uma situação triste e trágica, mas também muito corajosa por ser movido pelo *coração*, algo que vem de dentro do indivíduo como a única alternativa para terminar o sofrimento (*core* - coração, coragem). O sentimento de Deus também pode ser compreendido desta forma, está umbilicalmente ligada com o pertencimento de Deus no interior da *subjetividade* religiosa e no limite do sentido existencial de si-mesmo(a) no mundo.

A integração religiosa do sentido de Deus na fenomenologia do espírito, entra em contato com a consciência e o corpo daquele que possui a *reconciliação* e *fé*, permitindo Deus habitar as coisas incluindo a matéria da própria pessoa: o corpo. Existe uma união mística entre *sujeito* e *divindade* enquanto união negativa, havendo a necessidade de representações para a unicidade, entre subjetividade e objetividade.

Husserl aos poucos conduz as investigações fenomenológicas transcendentais para o caminho de um Ego transcendental, estabelecendo esta tomada de posição em Ideias I, como uma redução fenomenológica transcendental para além da redução eidética. O sistema de pensamento cartesiano é calcado no realismo materialista, enquanto a fenomenologia husserliana assume um *idealismo transcendental*, sendo mais um desvio epistêmico entre as abordagens.

Nota-se que há diferenças visíveis em cada proposta fenomenológica, ambas constituem em si mesmas um corpo de ideias que integram a experiência do vivido enquanto experiência irreduzível, porém, de formas diferentes. Hegel está encaixado no modo de pensar da sua época, capturando o espírito de seu tempo como uma prática religiosa do pensar e compreender os fenômenos da vida.

A diferença essencial no pensamento husserliano está na pureza dos fenômenos que significam aquilo que eles se mostram como se mostram, sem estarem presos há ideia e o conceito de Deus. Evidentemente que o caminho fenomenológico husserliano enfrentou críticas sobre o solipsismo, sendo um enfrentamento necessário que a fenomenologia pura teve como vanguarda da atualização essencial das coisas.

Enquanto a fenomenologia do espírito de hegeliana está atrelada a constelações conceituais de trindades e dualidades, a fenomenologia pura husserliana se presentifica entrando em contato com o modo de funcionamento da consciência através da intencionalidade. É com a diferença entre o conceito de *Deus* para o conceito *puro* de *consciência com intencionalidade* em Husserl que se estabelece o visível desvio entre autores, além do contexto histórico de cada autor, evidentemente.

REFERÊNCIAS

- BUBER, M. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
HEGEL, G. W. F. *Filosofia de la religión últimas lecciones*. Berlim: Trotta, 2018.
HUSSLER, E. *Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica: sobre la constitución*. México: UNAM, 2005.

Aoristo))))

International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics

Submetido: 05 de janeiro de 2024

Aceite: 05 de fevereiro de 2024

53